



sala preta
ppgac

DOI:10.11606/issn.2238-3867.v18i1p168-180

História

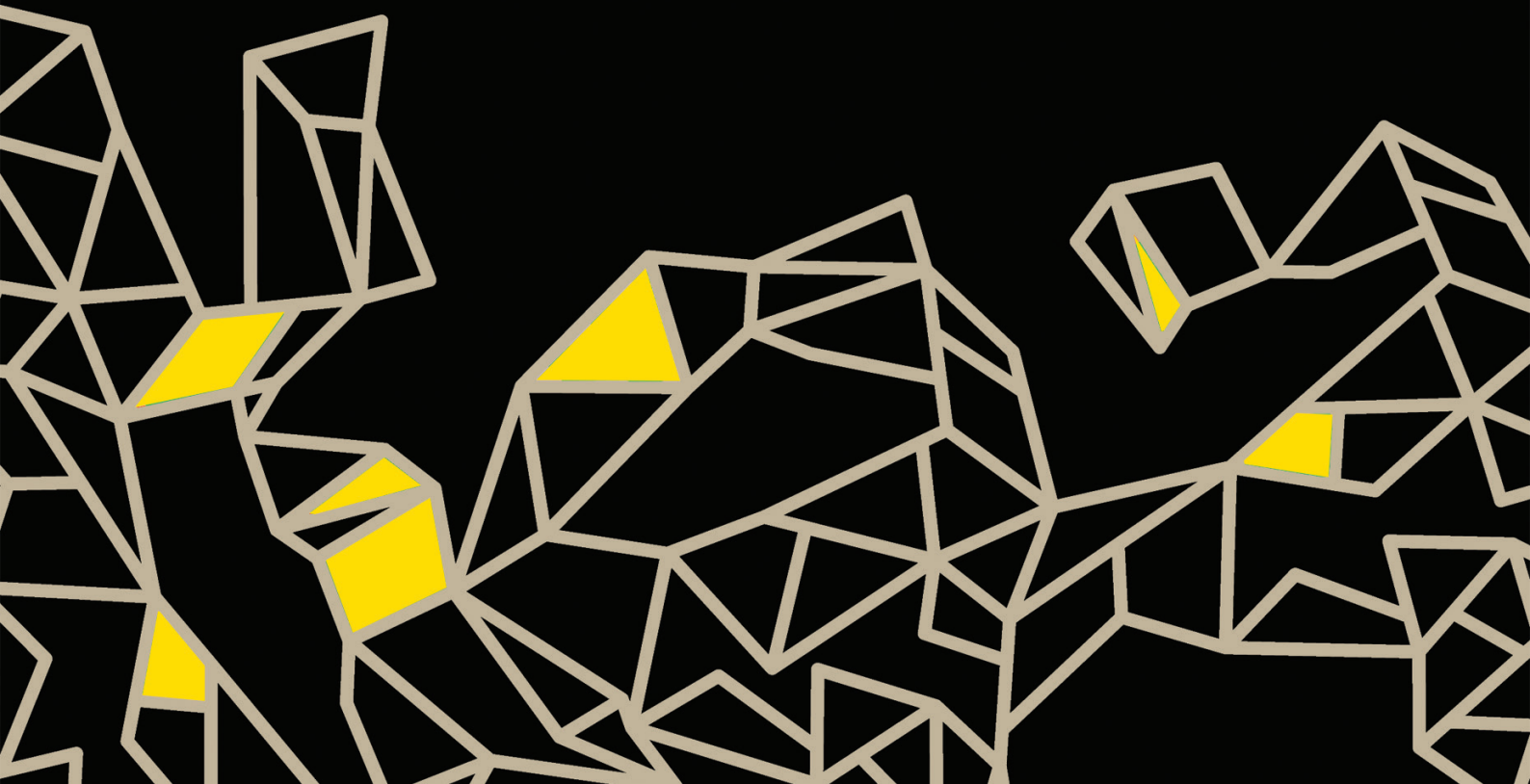
Revisitando a dramaturgia de Qorpo Santo em seu contexto original

*Revisiting Qorpo Santo's dramaturgy
in its original context*

Maria Clara Gonçalves

Maria Clara Gonçalves

Doutora em Teoria e História Literária pela
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)



Resumo

Este artigo visa apresentar algumas informações sobre o contexto cultural no qual se desenvolveu o escritor José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo (1829-1883), traçando uma correspondência entre a cena teatral gaúcha e sua dramaturgia. Os periódicos gaúchos oitocentistas são uma importante ferramenta para compreender quais espetáculos foram encenados em Porto Alegre e que juízos estéticos eram defendidos pelos letrados da época. Ao compreender o movimento teatral do contexto de Qorpo Santo, por meio de anúncios de espetáculos, críticas e crônicas, pode-se estabelecer uma nova leitura sobre a dramaturgia do escritor e assim analisar seu teatro alinhado ao seu ambiente histórico.

Palavras-chave: Qorpo Santo, Teatro brasileiro, Rio Grande do Sul, Periódicos oitocentistas, Porto Alegre no século XIX.

Abstract

This article aims to provide some information about the cultural context in which José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo (1829-1883) developed his work, tracing connections between the local theatrical scene and the writer's dramaturgy. Local journals of the 19th century are valuable tools to know which shows were staged in Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brazil), and what kind of aesthetic judgments were sustained by the scholars at that time. In comprehending the theatrical movement in Qorpo Santo's context, through show, critics, and chronicles ads, a new reading of his dramaturgy can be established, thus analyzing his production in the light of his historical environment.

Keywords: Qorpo Santo, Brazilian theater, Rio Grande do Sul, Nineteenth-century periodicals, Porto Alegre in the nineteenth century.

O quadro oferecido pelos estudos relativos à historiografia teatral brasileira do século XIX de certa maneira adota como referências as realizações dos nomes de maior vulto, como José de Alencar, Martins Pena e Arthur Azevedo, e se debruça sobre gêneros que, em seu tempo, desfrutaram de maior prestígio com o público de elite e à comunidade letrada, como é o caso da comédia de costumes, gênero privilegiado no âmbito da produção dramática brasileira oitocentista. Com efeito, pode-se dizer que o panorama



da dramaturgia brasileira do século XIX, dada a permeabilidade do teatro à aceitação pública, apoia-se sobre tendências dominantes, deixando de lado as manifestações que não se adequaram completamente aos modelos então vigentes – algo perceptível na consideração do teatro de Qorpo Santo que, em uma leitura imediata, parece distanciar-se da produção teatral de seu tempo.

As comédias de Qorpo Santo, cognome de José Joaquim de Campos Leão (1829-1883), com suas situações absurdas, estrutura fragmentária e personagens compostas como estranhas caricaturas, revelam um autor que aparentemente desafia as convenções dramáticas do século XIX e, conseqüentemente, os mecanismos de análise mais regularmente disponíveis à crítica do teatro no período. Daí ter-se difundido pelos estudos responsáveis pela redescoberta e divulgação de Qorpo Santo no século XX a orientação crítica de aproximar suas peças da produção dramática de vanguarda, encontrando nesse esquecido escritor, cuja produção ocorreu em 1866 na provinciana Porto Alegre, um fenômeno singular de modernidade extemporânea. Qorpo Santo corresponde a um caso curioso de nossa literatura, já que foi menosprezado por seus coetâneos e aclamado no meio teatral do século XX, em um tortuoso processo de recepção que dificulta a recuperação das marcas históricas de sua obra.

Nascido em 19 de abril de 1829 na Vila de Triunfo, à época um importante município da província do Rio Grande do Sul e terra do afamado militar Bento Gonçalves, José Joaquim de Campos Leão foi professor, vereador e delegado de polícia, como atestam as informações que constam em sua *Ensiqlopédia ou seis mezes de huma enfermidade* publicada em 1877, a expensas do autor e em tipografia própria. Extensa, fragmentária e híbrida, essa obra se divide em nove volumes, dos quais cinco foram preservados¹. A coleção é dividida da seguinte maneira: volume I – composto de duas partes, “Proza” e “Poesia e proza”; volume II – “Pensamentos e poemas”; volume III – não encontrado; volume IV – “Romances e comédias”; volume V – não encontrado; volume VI

1 Os livros de Qorpo Santo foram descobertos aos poucos e em diferentes bibliotecas particulares. Porém, o próprio escritor perdeu alguns escritos, como afirma em um trecho da *Ensiqlopédia*: “Annuncio – Tendo desaparecido do hotel Drugg em que parei – hum livro com vários escriptos meus sobre theatro; poezias; politica, direito, medicina, moral, relijião; artes, & roga-se a quem tiver o obzequio de o entregar – no hotel Imperial que actualmentemoro. F. 8 de 1865” (QORPO SANTO, 1877, v. II, p. 60).

– não encontrado; volume VII – em que constam os dois periódicos do escritor *A justiça* e *A saúde*; volume VIII – “Micelania quirioza”; volume IX – dividido em quatro partes: “Interpretações: pontos que parecem contraditórios no novo testamento de nosso senhor Jesus Cristo”; “Alguns pensamentos escritos por mim nestes últimos tempos”; “Restos que creio, julgo ou penso não terem sido impressos em algum dos meus oito livros” e “Introdução (reprodução de livro anterior)”.

O escrito mais antigo da *Ensiqlopédia* data do ano de 1853. Contudo, em sua maioria, os textos foram produzidos a partir de 1862, mesmo ano em que o escritor foi dispensado do magistério por sofrer de “alucinações mentais” (termo usado pelo governo imperial em *Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império – 1830 a 1889*, na seção “Professores Licenciados” em que José Joaquim era destituído de suas funções como professor). A doença mental que consta nos laudos médicos era denominada monomania. Essa patologia, cunhada pelo alienista francês Jean-Étienne-Dominique Esquirol (1772-1840), designava uma alteração mental que não comprometia completamente a vida social do indivíduo. Após o aparecimento de sua “doença”, José Joaquim transforma-se em Qorpo Santo, alcunha que deu a si mesmo quando passa de um homem comum a uma divindade. A partir dessa data, ele e sua esposa, Inácia Maria de Campos Leão, iniciaram uma disputa para administrar os bens da família; tal contenda duraria até a morte do escritor, em 1º de maio de 1883.

O conjunto de suas peças encontra-se no volume IV, cujo título, apesar de aludir aos romances, enfeixa apenas o conjunto das dezessete comédias do autor: *O hóspede atrevido ou O brilhante escondido*; *A impossibilidade da santificação ou A santificação transformada*; *O marinheiro escritor*; *Dois irmãos*; *Duas páginas em branco*; *Mateus e Mateusa*; *As relações naturais*; *Hoje sou um; e amanhã outro*; *Eu sou vida; eu não sou morte*; *A separação de dois esposos*, *O marido extremoso; ou o pai cuidadoso*; *Um credor da fazenda nacional*; *Um assovio*; *Certa Entidade em busca de outra*; *Lanterna de fogo*; *Um parto*; *Uma pitada de rapé* (incompleta). Segundo Qorpo Santo, a composição de seus textos teatrais ocorreu entre janeiro e junho de 1866.

Dentre as principais particularidades de seu teatro, destaca-se dicção cômica própria, situações nonsense, retrato caricatural, grotesco das *dramatis*



personae e ação, tonalidade satírica e farsesca aberta ao baixo-cômico, subversão das unidades dramáticas e fragmentação. Tais características são entrecortadas por situações estranhamente exemplares de orientações morais, que trazem um conservadorismo arraigado a preocupações com a ordem político-social, manutenção da família e progresso do país.

A preocupação com a manutenção da ordem da jovem nação brasileira é algo comum entre os escritores do período. O impacto social do teatro fez com que sua responsabilidade em propagar temas nacionais que norteariam as unidades para a organização das bases culturais, territoriais e políticas do Brasil chegasse a superar sua função de entretenimento. Ou seja, os “bons” dramaturgos deveriam produzir um teatro edificante com o fim de transmitir ideais de civilidade, em vez de espetáculos cuja função estava pautada apenas no divertimento, sem uma lição moral que os justificassem. Dessa maneira, escritores que subvertessem, tanto no aspecto cênico quanto na maneira de apresentar esse ideário estético e político no teatro, não eram bem quistos pelos críticos da época.

Apesar de algumas comédias de Qorpo Santo possuírem também reflexões acerca do ideal civilizatório e moral do século XIX, tais questionamentos foram expressos com uma verve mais satírica e relacionada a práticas ligadas ao teatro de cunho mais popular. Ao comparar o teatro de Qorpo Santo à produção dramática oitocentista de maior vulto segundo a crítica especializada, percebe-se que os pesquisadores do século XX, em sua maioria, filiaram a obra literária do escritor sulino a preceitos estéticos modernos. Essa leitura da dramaturgia qorpo-santense advém da dificuldade em enquadrá-la ao referencial teatral oitocentista destacado nos diversos livros de história teatral brasileira. Envoltas em uma atmosfera anacronicamente vanguardista, essas comédias foram analisadas em diversos textos críticos por meio de expedientes teatrais modernos.

Uma das dificuldades para a compreensão da dramaturgia qorpo-santense deve-se, entre outros fatores, a determinada leitura da historiografia teatral que se apoia em tendências estéticas alinhadas à ideologia, as quais auxiliavam na transmissão de um ensinamento moral adequado. Os comportamentos sociais que adotassem condutas éticas e virtuosas foram salientados e defendidos por diversos letrados no século XIX. Essas tendências teatrais se

transformaram em referência para a análise de gêneros dramáticos oitocentistas, conforme sugerem os estudiosos Jacó Guinsburg e Rosângela Patriota, em *Teatro Brasileiro: ideias de uma história*, mais especificamente no capítulo “A experiência teatral – um capítulo da história da literatura brasileira do século XIX” (2012, p. 42-43):

Em verdade, a busca pela identidade nacional, nos moldes pré-estabelecidos, fizeram com que o temperamento, a época as motivações de um tempo não fossem observados nas avaliações dos escritores/críticos contemporâneos dos acontecimentos. Como desdobramento interpretativo, apesar de algumas exceções, o olhar para o teatro, sob a égide da literatura dramática, deixou de percebê-lo como fenômeno para destacá-lo como mais um capítulo da palavra escrita.

Os pesquisadores discorrem sobre a avaliação dos críticos e escritores acerca do modelo dramático ideal que cabia ao projeto de nação do século XIX, pautado em diretrizes rígidas tanto ideologicamente quanto em termos de estruturação literária. A literatura dramática deveria voltar-se para temas nacionais que norteariam as unidades de construção do país em termos políticos, territoriais e culturais. Porém, ao contrapor essas ideias aos espetáculos que obtinham número significativo de encenações, percebe-se a tensão entre o que era almejado e o que era produzido (que atendia aos pressupostos defendidos pelos críticos e a predileção real do público). Na época em que Qorpo Santo redigiu suas peças, os críticos e escritores analisavam a produção dramática oitocentista sob o viés da propagação de ensinamentos civilizatórios alinhados com um determinado modo de apresentar a ação, em que prevalecesse o realismo cênico e as noções de *bienséance*.

A finalidade deste artigo, portanto, é apresentar sucintamente novas possibilidades de análise do teatro qorpo-santense a partir de alguns dados históricos do contexto cultural de Porto Alegre. As ideias aqui apresentadas visam ser uma prévia das hipóteses de uma nova leitura da produção teatral de Qorpo Santo, que podem ser oferecidas pelo levantamento de informações obtidas em periódicos oitocentistas gaúchos.

Por meio do estudo documental (crônicas, críticas e anúncios de espetáculos), obtêm-se informações sobre as circunstâncias histórico-sociais da cultura em Porto Alegre entre os anos de 1852 e 1878 – o recorte temporal se



justifica por corresponder a um período que presenciou acontecimentos decisivos para a constituição do escritor Qorpo Santo. Com atenção às ideias em circulação na imprensa e às tendências artísticas que ganharam os palcos, observando as características do público local, seus gostos e gêneros afins à sua sensibilidade, os periódicos constituíram um importante veículo para a propagação e discussão de ideais teatrais do período.

Na *Ensiqlopédia* há inúmeras alusões aos periódicos que eram lidos por Qorpo Santo, como: *Echo do Sul*, *Jornal do Commercio*, *O Mercantil*, *Sentinela do Sul* (todos do Rio Grande do Sul), *Imprensa Acadêmica* (São Paulo), *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*, ambos da corte. O escritor possuía conhecimento das manifestações teatrais consagradas pelos críticos, contudo optou por desenvolver uma dramaturgia em que os elementos cômicos fossem mais bem elaborados do que as características do teatro edificante.

Neste artigo serão analisados alguns documentos que possuem informações capazes de auxiliar no debate sobre a ligação entre a produção dramática de Qorpo Santo e seu contexto teatral. Cita-se, primeiramente, as *Chrônicas de Porto Alegre*, escritas pelo jornalista José Cândido Gomes, sob o pseudônimo O Estudante, que foram publicadas no periódico *O Mercantil* entre dezembro de 1851 e fevereiro de 1853 – é importante salientar que há *Chrônicas* publicadas depois dessa data; contudo, devido à escassez de exemplares nos arquivos da cidade de Porto Alegre não foi possível ter acesso aos outros textos.

Nos relatos de José Cândido, ou melhor, do Estudante, há descrições do comportamento do público em alguns espetáculos e comentários sobre os hábitos e modos dos cidadãos de Porto Alegre. Ao traçar os costumes dos habitantes da cidade, as *Chrônicas* dão mostras de seus gostos e preferências estéticas, possibilitando um melhor entendimento sobre a relação desse público com os espetáculos teatrais que ocorreram no Teatro Pedro II – este teatro foi fundado em 1838 e era “localizado na Rua de Bragança, seu espaço era um lugar muito modesto, não passava de um medíocre pavilhão de alvenaria, de fachada desenxabida e instalações precárias” (DAMASCENO, 1956, p. 20).

A linguagem das *Chrônicas* possui uma verve satírica, em que as críticas aos problemas da cidade e as observações sobre as poucas opções de

entretenimento são expostas de maneira irônica. Aliás, a própria escolha de um pseudônimo sugere que o jornalista buscava ter maior liberdade em seus relatos, já que a suposta autoria era atribuída a uma figura jovem que se permitia uma postura mais vivaz e descontraída. O jornalista descreve os fatos semanais da cidade, elencando os acontecimentos diários. Porto Alegre não possuía uma vida social muito agitada, por isso a criatividade de José Cândido era um diferencial que ajudava a “preencher” essa ausência.

Em janeiro de 1852, *O Estudante*, ao descrever uma apresentação teatral ocorrida no “teatrinho ratoeira” – como se referia à casa de espetáculo Teatro Pedro II por lhe parecer um galpão velho, sugerindo que o local poderia desabar devido à péssima condição estrutural – ironicamente, as roupas e acessórios usados pelo público: “luneta em falta de óculos para olhar sem ver” (GOMES, 1852, p. 35), faz uma alusão às atitudes estereotipadas dos frequentadores, demonstrando preocupação maior com o vestuário do que com o espetáculo propriamente dito. Em seguida, comenta como se realizou a encenação:

O Sr. *Mercantil* fez um resumo das peças, mas mesmo assim o público esteve pelos antos; não foi senão em minoria. E foi pena! O espetáculo esteve muito melhor que o anterior; a companhia maçônica (só tem três membros) trabalhou muito bem, e só o *vaudeville* do fogo e fumaça valia o incomodo de estar a noite em pé; o Sr. Timoleão queria saber de que fogo saia a fumaça, e as fumaças dos ciúmes o traziam em um cortado. Tão contente ficou (pudera não! O susto não foi pequeno) quando viu que era a menina quem o fumaçava que logo pegou no vício. Estas mulheres, estas mulheres fazem um homem fumar que é um regalo. (GOMES, 1852, p. 35-36)

Apesar do incentivo dado pelo jornal *O Mercantil*, que publicou resumos das peças a fim de atrair público ao teatro, não houve uma grande plateia naquela noite. Chama a atenção no relato o efeito cênico da fumaça, uma vez que é possível correlacioná-lo ao que Qorpo Santo expõe em sua comédia de maior relevância, *As relações naturais* (1866):

Tudo corre; tudo grita (mulher; filhos; marido; criado, que por um dia foi amo do amo). Incêndio! Incêndio! Incêndio! Venham bombas! Venha água! (É um labirinto, que ninguém se entende, mas o fogo, a fumaça que se observa, não passa, ou o incêndio não real, mas aparente). (QORPO SANTO, 2001, p. 175)



O espetáculo comentado pelo cronista foi realizado pela Companhia Maçônica. Como consta em várias passagens da *Ensiqlopédia* e em estudos críticos, Qorpo Santo pertencia à maçonaria. Há uma grande probabilidade de que ele tenha assistido ou ao menos recebido notícias do espetáculo. Aliás, é possível que tenha retirado daí a ideia da utilização dos recursos cênicos do fogo e da fumaça para sua comédia. Trata-se de um fato interessante, que permite esboçar um quadro das possíveis referências às quais o escritor teria tido acesso e reavaliar sua conexão com a produção cultural coetânea. Vale salientar que esse trecho da comédia foi discutido em alguns estudos sobre sua dramaturgia, ora sendo considerado um fator de genialidade, ora um traço comprobatório de que seu teatro estaria mais propício à leitura do que a ser encenado.

Ainda no mesmo periódico que publicou as Crônicas de Porto Alegre, *O Mercantil*, consta no dia 10 de novembro de 1853 o anúncio do espetáculo *Miscelânea Lírico-dramática*, promovido pelo ator Florindo Joaquim “em homenagem ao aniversário de S. M. o Imperador do Brasil”; realizado em 2 de dezembro de 1853 no Teatro Pedro II. A encenação era composta por partes de diferentes peças, como o quarto ato de *Othelo* de Gonçalves de Magalhães e o primeiro ato do *Cego* de Joaquim Manoel de Macedo, além de duetos líricos. O espetáculo atraiu um número expressivo de espectadores.

O programa da noite permite traçar um paralelo com os escritos de Qorpo Santo. Começando pelo título, nota-se o uso de uma palavra que também consta na produção literária do escritor, no volume VIII de sua *Ensiqlopédia*, intitulado Micelania quriosa. Já o trecho encenado de *Othelo* contém uma fala transcrita por Qorpo Santo no volume II da sua coleção de livros: “O furacão prediz a tempestade / Mas a mulher, oh céu! pérfida e calma / Nos embebe o punhal, e nos afaga!” (QORPO SANTO, 1877, v. II, p. 108-109). A reprodução da fala da personagem Othelo em um dos volumes da *Ensiqlopédia* dá subsídios para dizer que Qorpo Santo teve contato com essa obra e talvez tenha assistido ao espetáculo de Florindo.

Pode-se tecer uma analogia entre a peça de Qorpo Santo *Eu sou vida; eu não sou morte* e *Othelo*. Em ambas, a motivação da ação desencadeia um assassinato de origem passional. No caso do texto de Qorpo Santo, as personagens de Lindo e Linda mostram-se um casal apaixonado, mas com

a chegada de Japegão, verdadeiro marido de Linda, nota-se que a relação deles é de natureza adúltera. O desfecho desse triângulo amoroso culmina com Japegão assassinando Lindo, por meio de uma espada que atravessa o corpo do amante. Diferente da versão original de Shakespeare, no *Othelo* de Magalhães (tradução da tragédia de Ducis) Heldermona (a Desdêmona dessa versão) será morta pelo punhal do amado que atravessa seu peito, num efeito cênico próximo ao realizado por Qorpo Santo:

Japegão – Pois como as vontades são livres e cada qual faz o que quer; como não há leis, ordem, moral, religião!... Eu também farei o que quero! E porque esta mulher não me pode pertencer enquanto tu existires – varo-te com esta espada! (*Atravessando-o com a espada; há aparência de sangue*)

[...]

(*Lindo cai sobre um cotovelo; a mulher cobre-se com um véu e fica como se estivesse morta*). (QORPO SANTO, 2001, p. 205).

Trecho do *Othelo* traduzido por Gonçalves de Magalhães (1865, p. 357):

HEDELMONDA – Sim, eu juro por Deos, e por ti juro. Por meu amor, e já sob o teu ferro.

OTHELO (*ferindo-a com o punhal*) – Pois morre.

HEDELMONDA – Oh Deos! (*Dá alguns passos para traz, e cai morta, debruçada sobre o leito: Othelo, suspendendo o resto do corpo, a deita*).

A peça de Qorpo Santo pertence ao gênero da comédia, segundo classificação do próprio autor, contudo, ao final do texto há uma sentença que salienta que a obra em questão se alinha mais ao gênero do texto que lhe serviu de inspiração: “assim deve terminar o Segundo Ato; e mesmo findar a comédia, que mais parece tragédia” (QORPO SANTO, 2001, p. 206). A atmosfera trágica que envolve as personagens de *Eu sou vida; eu não sou morte* destoa da linguagem cômica utilizada em outras peças de Qorpo Santo.

Para finalizar, destaca-se a recensão da obra de Qorpo Santo pelos letrados gaúchos da época, outro dado importante encontrado nos periódicos. Apesar de ter sido menosprezada pelos escritores e jornalistas coetâneos, a produção literária do escritor não passou despercebida. Sua obra dramática obteve juízos ruins por parte da crítica oitocentista gaúcha. Os letrados



gaúchos defendiam uma determinada forma de realizar o teatro e viram nas peças de Qorpo Santo elementos de gêneros distintos que provocavam certa “caoticidade” para o entendimento de sua obra dramática.

O periódico *Álbum de Domingo*, também de Porto Alegre, publicou em 1878 algumas menções aos textos literários de Qorpo Santo em que desprezava sua produção. O corpo de colaboradores desse periódico era formado por membros do Partenon Literário – importante agremiação literária gaúcha que reuniu diversos letrados da província do Rio Grande do Sul entre os anos de 1868 e 1885. Na crítica publicada em 6 de outubro de 1878, na coluna Revista Teatral, assinada por K-Zeca, pseudônimo do dramaturgo gaúcho Artur Rocha, há a seguinte afirmação:

Teria sido uma boa despedida, a da companhia, se não nos tivessem impingido os três “homens vermelhos;” que não sabemos por que se tornam mais recomendáveis: se pela profusão de ferimentos, duelos, assassinatos, crimes, ou se pela “nitidez” e “clareza” do enredo. Como aquilo só as comédias do Qorpo Santo. (ROCHA, 1878, p. 212)

Ao criticar uma peça apresentada por uma companhia que há pouco deixara Porto Alegre, o crítico traça uma analogia entre a sequência desorganizada dos acontecimentos da peça e a estrutura das comédias de Qorpo Santo, salientando o aspecto caótico de sua dramaturgia para seus coetâneos.

A *Ensiqlopédia* de Qorpo Santo, em outra passagem do mesmo periódico, na coluna A Semana do dia 12 de junho de 1878, era apontada ironicamente como uma obra que serviria para instruir: “Quem quiser educar as filhas, com bons princípios e moral, dê-lhes ler – Teophilo Gautier ou Paulo de Kock; Quem for amante da leitura instructiva, amena, criteriosa e sensata compre os livros de Corpo Santo” (ARARÊ, 1878, p. 46). A crítica elenca ironicamente as “serventias” de algumas obras, como os livros de Theóphile Gautier e Paul de Kock, considerados imorais. Daí o chiste do jornalista ao afirmar que tais escritores servem para educar as mulheres. No caso de Qorpo Santo, a estrutura da *Ensiqlopédia*, bem como as ideias nela contidas, é caracterizada como “amena, criteriosa e sensata.” Ou seja, exatamente o contrário do que se pensava da obra à época. Tais apreciações parecem ter sido decisivas e fundamentais na atribuição de um rótulo negativo aos textos de Qorpo Santo

por parte dos letrados sulinos. Sua crítica reforçou o menosprezo de outros escritores para com a obra literária de Qorpo Santo.

A tarefa de analisar o ambiente em que o autor formou seu perfil artístico permite visualizar as tendências e discussões estéticas que ocorreram em Porto Alegre, além dos espetáculos artísticos que circularam na cidade. A leitura das comédias de Qorpo Santo, em diálogo com sua época, oferece corrimão seguro para que as considerações críticas a respeito de sua produção não se percam em anacronismos sugeridos pela aparente atmosfera de vanguarda que as cerca. A existência desse singular escritor convida, pois, à reavaliação da história literária que “elegeu” alguns autores e condenou ao ostracismo tantos outros que subverteram alguns parâmetros teatrais da época, tanto na linguagem quanto na exposição dos fatos. A dramaturgia qorpo-santense demanda uma análise em que se coadunem as particularidades de seus escritos com o contexto histórico, de modo a entendê-la de maneira mais ampla.

Pesquisar o movimento artístico das cidades torna-se uma alternativa para abranger o olhar sobre o teatro brasileiro oitocentista, compreendendo que os palcos do país foram ocupados por diversas manifestações artísticas numa sequência que não obedece ao tempo das escolas literárias, como o romantismo, realismo etc. Entender o ambiente em que Qorpo Santo formou seu perfil artístico, as tendências com as quais poderia ter tido contato e as possibilidades oferecidas pelo contexto para a criação de sua obra oferece subsídios que ajudam a compreender o ambiente em que o escritor se formou como leitor, espectador e dramaturgo.

Referências bibliográficas

- ÁLBUM DE DOMINGO. Porto Alegre: Tipografia de Saturnino José Pinto, 1878-1879.
- ARARÊ. A Semana. **Álbum de Domingo**, Porto Alegre, v. 1, n.VI, p. 42-44, 1878.
- DAMASCENO, A. **Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1956.
- GOMES, J. C. Crônicas de Porto Alegre. **O Mercantil**, Porto Alegre, n.II, p. 35-38, 1852.
- GUINSBURG, J.; PATRIOTA, R. **Teatro Brasileiro: ideias de uma história**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MAGALHÃES, D. J. G. **Obras completas de D. J. G. de Magalhães: tragédias**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1865. t. II.



- O MERCANTIL. Porto Alegre: Tipografia de Francisco Xavier da Cunha, 1849-1865.
- PROFESSORES LICENCIADOS. In: **Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império – 1830 a 1889**, n. XXV, v. XXVIII, p. 145-145, 1864.
- QORPO SANTO, J. J. C. L. **Teatro completo**. Apresentação Eudinyr Fraga. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. **Ensiqlopédia ou seis mezes de huma enfermidade**. Porto Alegre: Imprensa Literária, 1877. Disponível em: <www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DAS PROVÍNCIAS BRASILEIRAS: IMPÉRIO – 1830 A 1889. Porto Alegre, Tipografia de Francisco Xavier da Cunha , 1830-1889.
- ROCHA, A. Revista Teatral. **Álbum de Domingo**, Porto Alegre, v. 27, n. I, p. 212-213, 1878.

Recebido em 24/09/2017

Aprovado em 19/05/2018

Publicado em 29/06/2018